

Isso na segunda metade do reinado da rainha Vitória — uma cidade de ouro financeiramente falando, em que os mineiros eram chamados “honestos trabalhadores”. Winter os havia tratado assim, um pouco para desculpar-se perante seu hóspede, o príncipe de Gales — e o príncipe respondera no seu inglês gutural: “Tendes razão. Se houvesse hulha embaixo do parque de Sandringham, eu abriria poços nas peluses, convencido de estar fazendo ótima jardinagem. Por esse preço não trepido em trocar meus veados por mineiros — e, ao que me contam, os vossos são excelentes pessoas.”

O príncipe exagerava um pouco a beleza do dinheiro e os benefícios da indústria. Tornou-se rei e como rei morreu. Veio o rei de agora, cujo principal trabalho parece ser a inauguração de sopas populares.

Os “honestos trabalhadores” estavam em vias de engolir Shipley. Novas vilas mineiras pululavam no parque, e o velho Winter via aquela população tornar-se-lhe estrangeira. Outrora, com bom humor e condescendência, sentia-se senhor dos seus domínios e dos seus mineiros. Mas agora, que soprava um espírito novo, ia sendo alijado dali. Impossível iludir-se. As minas tinham vontade própria e essa vontade se opunha ao proprietário, ao grão-senhor.

Winter fora soldado e agüentara a luta — mas já não saía a passear pelo parque à noitinha. Quase que se escondia em casa. Uma noite acompanhou Constance, sem chapéu, de sapatos verniz, até quase à grade; ia conversando no seu belo estilo de homem da alta, com intercalações de “hao, hao”. Mas quando tiveram de passar diante de grupos de mineiros que nem sequer os cumprimentaram, Constance sentiu o velho fremir como a elegante antilope diante dos olhos indiscretos do vulgo. Não lhe eram pessoalmente hostis, mas o espírito dos tempos estava contra ele. No fundo, todos eram contra. Sua vida elegante insultava a rudeza dos mineiros. “Quem é ele?” A *diferença*, eis a causa do rancor.

No imo do seu coração de inglês e de soldado, Winter dava-lhes razão. Sentia-se quase vexado de ter todas as vantagens. Mas como representante de um sistema, mantinha sua posição.

De súbito, a morte interveio. Morreu pouco depois duma das visitas de Constance e não esqueceu Clifford no testamento.

Os herdeiros imediatamente deram ordem para a demolição de Shipley. Muito cara a conservação do castelo. Tudo foi destruído. Foi-se a bela avenida de álamos, derrubaram-se todas as árvores do parque, lotearam o terreno, que era muito próximo de Uthwaite. E começaram a surgir ruas e casinhas novas “com todo o conforto”.

Um ano depois da visita de Constance tudo estava completamente mudado. Uma Inglaterra destrói outra. A Inglaterra dos Winters estava no fim, morta — apenas não totalmente removida.

Que viria depois? Constance só via novas casas de tijolos a se estenderem pelos campos, novas construções a se erguerem em redor das minas, novas operárias com vestidos de seda, novos operários de rumo ao Palácio da Dança. Essa geração ignorava completamente a velha Inglaterra. Havia um hiato na continuidade da consciência; uma parada quase americana, industrial. Que viria depois?

A Constance parecia não haver “depois”. Sua vontade era esconder a cabeça na areia: ou pelo menos no peito de um homem vivo.

— Tão complicado o mundo, tão estranho, tão sinistro! era como Constance pensava ao reentrar em casa, depois de ver os mineiros saírem das minas, negros, retorcidos, um ombro mais baixo que outro, batendo os sapatos ferrados. Carras negras dum mundo subterrâneo, espinhas curvadas pelas galerias dos poços, ombros deformados. Homens, homens! E, ai! muitas vezes, homens pacientes e bons. A outros respeito inexistentes. O que o homem deve ter, parecia extirpado de suas naturezas. E, entretanto, eram homens! Geravam crianças. As mulheres podiam fecundar-se com eles. Pensamento terrível! terrível! Sim, bons e gentis — mas só por metade, sombrias metades de seres humanos. Até aquele momento haviam sido “bem comportados” — mas era o bom comportamento da insuficiência! Ah! Se eles ressuscitassem! Não, não. Muito terrível de imaginar. Constance tinha pavor das massas industriais, porque lhe pareciam incompreensíveis. Vida sem sombra de beleza, sem intuição, sempre “no poço”.